



PLANTAR, CULTIVAR E COLHER: A EXPERIÊNCIA PRÁTICA DO ESTÁGIO EM FILOSOFIA CLÍNICA

Guilherme Gomes Caiado¹

Maíra Ávila Francisco e Alves²

Resumo

A experiência prática do estágio em filosofia clínica tem como base o processo de orientação no estágio supervisionado, é por meio dele que o estagiando entra em contato com o mundo representativo do outro e se faz o processo terapêutico. Outrora estimulado pelo orientador o aluno agora na condição de Filósofo Clínico pode experimentar o fazer, fazendo. O tempo de maturação deste processo é como de uma jabuticaba que ao ser plantada deverá ser regada, para depois de um longo caminho colhida. O papel do orientador neste caminho é como o da água que vai nutrir e direcionar o bom desenvolvimento da jabuticabeira, do estagiário. Por isso é preciso cultivar e alimentar bem para que se possa depois colher frutuosamente. Se fugirmos das orientações e, em pequenas gotas de arrogância, acharmo-nos autossuficientes, que não precisamos de apoio, isso tudo pode colocar toda uma formação fadada ao fracasso e, principalmente, comprometer a vida de um partilhante que está à sua frente em busca de socorro. É preciso se dedicar aos estudos e às orientações regulares para podermos depois festejar com louros a vitória do fruto, a habilitação à clínica, a capacidade de receber e ajudar o outro.

Palavras-chave: Estágio supervisionado; Filosofia Clínica.

Abstract

The internship of practical experience in clinical philosophy is based on the orientation process in the supervised internship, it is through it that the intern comes in contact with the representative of another world and makes the therapeutic process. Once stimulated by guiding the student now at the Clinical Philosopher condition can experience doing, doing. The maturation time of this process is like a blemish that to be planted should be

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília-UCB, pós-graduado em Filosofia e Sociologia da Educação pelo IFTM-Campus Uberaba, pós-graduado em Filosofia Clínica e Filósofo Clínico.

² Graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, pós-graduada em Filosofia Clínica pelo IMFIC, artista, psicoterapeuta com ênfase em terapia filosófica e Master Practitioner de Programação Neurolinguística pela Escola Livre de Porto Alegre.



watered, so after a long road taken. The role of the mentor in this way is like the water that will nourish and direct the proper development of jabuticabeira, trainee. It is therefore necessary to cultivate and eat well so that you can then reap fruitfully. If we run the guidelines, and small drops of arrogance, find us self-reliant, we do not need support, all this can put a whole fated training to failure and especially compromise the life of a sharer this ahead in search relief. We have to devote to studies and regular guidance so that we can then celebrate with the victory laurels of the fruit, enabling the clinic, the ability to receive and help each other.

Keywords: Supervised Internship; Clinical Philosophy.

Introdução

Certamente todos já tiveram a oportunidade de comer uma fruta chamada Jabuticaba. Com ela podemos fazer geleia, compota e várias outras coisas. Mas vamos entender por parte como funciona este processo até podermos colhê-la e comer. É preciso escolher uma terra fértil e boa para que se possa plantar uma muda de jabuticabeira. Adubar, regar e esperar que o tempo se encarregue de fazer com que aquela pequenina muda cresça e comece seu encantador processo de florescimento. Já crescida, e estando na época, ela começa a soltar pequenas e simplórias flores brancas que, após um tempo, se tornam minúsculas bolinhas verdes. Depois de um período de maturação, ela *empreteja* e está pronta para o consumo, como descrito:

Pequenas, redondas, nas cores roxa ou pretas. Essas são as jabuticabas, frutas nativas do Brasil que eram chamadas pelos índios tupis de iapoti'kaba, cujo significado é "frutas em botão". Com polpa succulenta, mole e esbranquiçada, a pequena frutinha é rica em ferro e contém cálcio e fósforo, além de fornecer vitaminas (SALES, 2002)

O tempo e o movimento cuidaram de fazer a transformação da flor em um fruto de sabor inigualável. Adocicado, porém com aquele delicioso 'azedinho' que se reveza com o doce e convida a saborear sempre mais uma, mais uma e mais uma e mais uma... Talvez poucas pessoas atualmente tivessem o prazer poder colher a fruta direto do pé que, se bem regada, produz mais de uma vez por ano. É uma planta típica da região sudeste do Brasil, em especial nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro, onde há um hábito de se de chupar a fruta no pé, como



tradição de famílias, experiências de infância, memórias que podem até traduzir partes de uma história de vida.

Esta pequena façanha da jabuticabeira pode nos servir de exemplo para uma conversa sobre um tema um tanto desafiador: o estágio em Filosofia Clínica. Após um período de formação e estudos, iniciado em 2012, concluímos a certificação do curso e estamos habilitados à pesquisa, com emissão do certificado B pelo IMFIC – Instituto Mineiro de Filosofia Clínica, em 2014.

De acordo com Dantas (2004, p. 61),

a filosofia clínica trás uma chance de liberdade para o ser humano. Seu maior mérito está na forma de compreender o outro, a diferença. Assim, a exigência que se faz do filósofo clínico para a execução e um trabalho condigno com o fenômeno representado pelo ser que está à sua frente é tremenda. O aprendizado não cessa.

Oficialmente nós nos tornamos especialistas neste ramo de conhecimento. Por quase dois anos estudamos, nos dedicamos, lutamos, por horas pensamos em desistir, queríamos parar porque é difícil mesmo o processo de autoconhecimento, de compreensão daquilo a que estamos nos propondo como profissionais da área clínica e terapêutica, além de tantos outros fatores, como o desafio de encarar um partilhante e de administrar os estudos com o trabalho e a vida pessoal, que concorrem com o exercício de se habilitar em filosofia clínica. Mas o desejo de terminar e nos tornarmos terapeutas era ainda maior e mais desafiador. Para isso, no entanto, havia muito que aprender. A motivação para tal feito é o ponto de partida para essa caminhada.

Desenvolvimento

Na formação em Filosofia Clínica, concluímos com êxito a etapa de especialização, com a entrega do nosso trabalho de conclusão de cursos. Muitos colegas de turmas finalizaram aí. Mas nossa ambição não permitiu que terminássemos. Decidimos que seria importante buscar a habilitação clínica e nos enveredamos pelos caminhos do estágio supervisionado. Começou então nova parte dessa aventura.

Atendíamos partilhantes e tínhamos belas oportunidades de colocar em prática toda formação que recebemos naquela etapa inicial. Junto a uma orientadora titular, fomos partilhando nossas ansiedades, nossos erros e buscando a cada orientação a melhora de nossos tênues erros.



O processo de supervisão foi extremamente relevante e esclarecedor, pois, com nossa inexperiência ainda, tivemos momentos de dúvidas, incertezas. Necessidades de trocas, orientações sobre como agir, acolher, respeitar a singularidade do partilhante.

Em uma ocasião, no papel existencial de filósofa clínica, fiquei em dúvida sobre como agir mediante o relato do partilhante. Não sabia até que ponto poderia me dirigir a ele com palavras de acolhimento, se isso poderia realizar agendamentos nele. Então busquei na orientação a resposta para minha dúvida. Conteí para minha orientadora sobre minha vontade, minha intenção em deixar de lado o planejamento clínico do dia, para acolher o sofrimento do partilhante. A troca com minha orientadora não só me autorizou como também me encorajou e me incentivou para conduzir da melhor forma. E, depois desse momento, a interseção com o partilhante se fortaleceu mais e contribuiu muito para a continuidade do processo terapêutico.

Após esse relato, novamente pudemos experienciar a Filosofia Clínica na prática, agora de um novo ponto de vista e com estudos reais, vivos, próximos de nós. Era nosso momento de amadurecimento, de transformação da flor em fruto.

Esse tempo de maturação depende de cada um, seja partilhante ou filósofo clínico. Não é um processo fácil nem simples. Muitos até desistem ao longo do caminho, porque a Filosofia Clínica só tem sentido e só terá efeito se nos proporcionar mudança e crescimento pessoal. Junto com o partilhante, crescemos e aprendemos em cada encontro. De início, recebemos um partilhante que nos colocava à prova de tudo o que estudamos, nos desafiava, nos fazia voltar aos estudos teóricos e aos escritos da formação. Por exemplo, quando o assunto imediato era apresentado de várias formas ao longo das sessões, dando a falsa impressão de que o processo terapêutico avançava, mas que, na realidade, ainda estava em seu estágio inicial. Tais comportamentos exigiram muito do nosso perfil como filósofos clínicos já que não poderíamos nos distanciar de nossa responsabilidade em conduzir o método para avançar na terapia filosófica.

Segundo Carvalho (2012, p. 10),

esta é uma questão fundamental em nosso tempo. Tornou-se lugar comum falar da singularidade humana como forma de sugerir novos caminhos para a existência. As múltiplas atrações que o espaço social oferece hoje em dia não apenas tornam a vida cheia de oportunidades e bens, mas também afastam-nos de nossas necessidades mais íntimas, levando-nos a esquecer de nós mesmos, a desconsiderar nossa vocação, a não levar adiante nosso projeto vital. Neste caso, o mundo em que vivemos parece um invasor que entra em nossa casa e em nossa intimidade com promessas de felicidade nunca cumpridas. Ao desconsiderar o que somos, entramos em projetos alheios.



Às vezes os partilhantes interrompiam a terapia, não queriam continuar. No meio disso, erros, desconfortos, insegurança. Mas, junto a esse emaranhado de emoções que envolvia os dois lados do processo terapêutico, o orientador serviu de guia, de bússola, de norte para continuar nessa trajetória. Num desses momentos, a recordação de como o papel do orientador é importante para corrigir e encorajar o estudante de filosofia clínica para que houvesse dedicação, esforço e abertura para entender o partilhante e adaptar o conhecimento teórico à prática. A experiência junto a um bom orientador contribuiu muito para a formação segura de novos filósofos clínicos. O resultado disso serão bons profissionais no mercado para atender aos anseios do ser humano. Dessa forma, o desejo de continuar e se realizar chegando ao papel existencial tão almejado encoraja, anima, insiste em não desistir.

Diante de tantos desafios que já enfrentamos primeiramente como partilhantes e depois como filósofos clínicos sob supervisão, decidimos continuar, recomeçar quando necessário e finalizar mais essa etapa. Quando tudo parecia perdido e sem saída, a orientação e os aconselhamentos dos orientadores nos motivavam a não querer parar.

Estagiar em Filosofia Clínica foi como aquela pequena história da jabuticabeira: é preciso plantar, cultivar para depois colher. É preciso estudar, colocar em prática para depois atendermos. A cada encontro fomos aprendendo como a teoria se constituía na prática, posto que “a filosofia clínica entende que a singularidade das pessoas nasce pela forma como ela se insere no mundo, pelo modo como organizou sua estrutura de pensamento e passou a lidar com seus problemas” (CARVALHO, 2012, p. 23). Assim como a interseção entre partilhante e filósofo clínico é determinante para a fluência do processo terapêutico, também deve ser a boa interseção com o orientador, pois ele, com sua sabedoria e prática, nos auxilia na condução do atendimento clínico, nos ajuda a perceber nuances contidas nos relatos de cada pessoa e, principalmente, nos prepara para atuar de forma ética e coerente no mundo. E com a ação do tempo, vamos aprendendo e nos aprimorando neste processo terapêutico.

Neste sentido,

A filosofia clínica mostra que é a história de vida a principal variável que faz as pessoas perceberem o entorno a si de modo diverso e de se relacionar com ele de forma particular por conta de sua localização intelectual. Uma mesma situação parece diferente desde quando nasceu ou o faz colocando-se na pele de outra pessoa, como de um corretor de imóveis. A forma diferente de se situar no espaço mais em si ou mais no outro indica que o homem vive campos pragmáticos distintos que se formam por conta de sua corporeidade e história de vida (CARVALHO, 2012, p. 41).



Considerações Finais

O Orientador é como uma gota de água naquela pequenina muda em terra seca: nutre, alimenta, motiva e encoraja a crescer. Chega o momento em que sozinha ela dará frutos, assim o estagiário pode responder pelo seu partilhante e, na plasticidade da clínica, entender como funcionam os novos desafios que estão por vir. Esta água que alimenta e que dá vida, nos partilha sua vasta sabedoria e nos faz ser mais capazes. Este processo de maturação é doloroso. Às vezes encontramos tempestades que podem derrubar as delicadas flores, ou ainda a secura do tempo e a falta de água pode fracassar o cultivo da planta para produzir bons frutos.

Desse modo,

A experiência do tempo significa a forma como cada partilhante vive sua história, concebida como uma peça completa. Não se trata só de reconhecer os fatos em sequência considerados isoladamente, o conjunto destas experiências afeta toda a estrutura de pensamento e a própria noção de existência (CARVALHO, 2012, p. 66).

Por isso é preciso cultivar e alimentar bem para que se possa depois então numa tarde de domingo a sombra da jabuticabeira comer por minutos seguidos várias frutinhas. Se fugirmos das orientações e, em pequenas gotas de arrogância, acharmo-nos autossuficientes, que não precisamos de apoio, isso tudo pode colocar toda uma formação fadada ao fracasso e, principalmente, comprometer a vida de um partilhante que esta à sua frente em busca de socorro. É preciso se dedicar aos estudos e às orientações regulares para podermos depois festejar com louros a vitória do fruto, a habilitação à clínica, a capacidade de receber e ajudar o outro.

Referências

BORGES, M. H. C. B, MELO, B. Cultura da Jabuticabeira 2003. Disponível em <http://www.fruticultura.iciag.ufu.br/jabuticaba.html> acessado em 18 de março de 2016



CARVALHO, José Maurício de. **Filosofia Clínica e Humanismo**. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2012.

DANTAS, Vânia [et al]. **Terapia em Filosofia Clínica: percepções e aprendizagem**. Fortaleza, 2004

SALES, L. A. O doce sabor da jabuticaba. In: **acessa.com**. 2002. Disponível em <http://www.fruticultura.iciag.ufu.br/jabuticaba.html>. Acessado em 18 de março de 2016

SUGUINO, E. MARTINS, A.D., TURCO, P.H.N, CIVIDANES, T.M.S, e FARIA, A.N. A cultura da jabuticabeira. 2012. Disponível em <http://www.apta regional.sp.gov.br/acesse-os-artigos-pesquisa-e-tecnologia/edicao-2012/janeiro-junho-2/1046-a-cultura-da-jabuticabeira/file.html>. Acessado em 18 de março de 2016